

## Os Vizinhos Batistas

DN - 9. 11. 65

Rubem Braga

QUANDO me mudei, há pouco tempo, para a rua Barão da Torre, notei, com satisfação, que havia diante de meu edifício uma igreja batista. Boa gente, pensei comigo.

Desde menino admiro a fé e a correção dos protestantes. Lembro-me de uns tios, que eram batistas, quando todos os outros meus inumeráveis tios eram católicos feito nós. Aqueles, os batistas, eram sérios, gente que não fumava, não dançava, não ia nem a cinema; gente tão crente que nos até tínhamos pena de nossos primos e primas. Talvez caçoássemos um pouco deles, mas isso não excluía uma verdadeira admiração por aquela fé triste e dura. Lembro-me de que as meninas usavam vestidos mais compridos que as outras. Era, além disso, aquela gente, o ramo mal, feio da família; várias irmãs de minha mãe haviam casado com vários irmãos de outra família, e acontecera que a mais feia de um lado se casara exatamente com o mais feio do outro. Traziam os filhos num cortado medonho; acho até que exageravam, tanto assim que, a partir de certa idade, os jovens resolviam aderir à religião católica, para grande tristeza dos pais. O catolicismo, religião da maioria, era, pelo menos na prática, bem mais liberal.

Aqui no Rio sei de várias famílias que apreciam empregadas protestantes, porque costumam ser mais corretas e virtuosas; são mais «crentes», dizem as patroas.

Acompanho muito de longe essas coisas de religião; a respeito de batistas guardei, como certamente muitos homens que estiveram na Itália durante a guerra, uma excelente impressão de um pastor, Soren, que era capelão da FEB, homem esclarecido, inteligente, corajoso e diligente, que todos admiravam e estimavam.

Pois, meu caro Soren, sou obrigado a confessar que não estou muito contente com os vizinhos da frente. Não, não é nada de grave, mas estou certo de interpretar o sentimento de meus condôminos e de outros moradores da vizinhança. Até algumas semanas a gente ouvia, domingo à tarde, os cânticos religiosos entoados pelos fiéis e, às vezes, vagamente, a voz de um pregador. «Lá estão os batistas a rezar», pensava eu com simpatia. Mas de algum tempo a esta parte eles instalaram no templo, que está em obras, um alto-falante poderoso. Eu dormia, no 1.º andar, em uma tarde de domingo, quando fui despertado por uma voz alta, de orador. Deve ser um desses carros com alto-falante que fazem campanha eleitoral — pensei com meus botões de pijama, já de antemão irritado com o candidato que de maneira tão pouco gentil queria impor sua candidatura; mas logo refleti que as eleições já se tinham ido... Era da igreja batista; uma monótona voz falava interminavelmente de Cristo e da salvação.

Passei dois domingos fora do Rio. Ontem ouvi novamente o alto-falante dos protestantes. Funcionava tão alto que incomodava dois casais amigos que me visitavam, dificultando a conversa. Ou a potência do aparelho fora aumentada ou aquele pregador falava mais alto. Na verdade gritava, vociferava com tanta fúria que não se entendia o que ele dizia. Era apenas aquele vozeirão zangado, indignado, dominando e destruindo a docura da tarde domingueira. «Pode ser que ele ame Deus, disse um de meus amigos, mas com certeza gosta menos de amar a Deus que de odiar o Diabo; sua voz só inspira ódio, raiva, rancor. Esse é protestante mesmo, está fazendo um protesto danado!»

Para não parecer que estou revidando protesto com protesto, não fecharei esta crônica protestando contra essa barulheira ignóbil. Apenas lhes faço um apêlo, e espero que não me levem a mal; salvai as vossas, e, se possível, também as nossas almas; mas, por favor, com menos barulho».

DN - 9. 11. 65